

TRÊS TEMPOS E UMA ANÁLISE: PESQUISA BIOGRÁFICA COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO E AUTOFORMAÇÃO

Weverlin Ferreira Brizola¹
Julio Cesar Floriano dos Santos²
Sandra Novais Sousa³

Eixo 2 – Desenvolvimento local da formação docente

Resumo: O trabalho objetiva trazer ao debate o uso da análise compreensiva-interpretativa em duas pesquisas que se fundamentam no Método Biográfico e utilizam as narrativas formativas para compreender o âmbito educacional, a partir de dois instrumentos de produção de dados. A primeira pesquisa, já concluída, produziu os seus dados a partir da entrevista narrativa com professoras egressas do curso de Pedagogia e atuantes na Rede Municipal de Educação (REME) de Campo Grande/MS, a segunda pesquisa, em andamento, utilizou os ateliês biográficos para produzir os seus dados, em encontros presenciais com professores de Educação Física e que também atuam na REME. Isto posto, o elo entre as pesquisas se centra na utilização do Método Biográfico e da análise compreensiva-interpretativa (Souza, 2006) para a discussão dos dados produzidos com professores. Entendendo que os relatos de si – seja em forma de memoriais, narrativas ou outros suportes que materializam as lembranças, memórias ou experiências subjetivas – constituem-se em dados de pesquisa que podem contribuir para a compreensão das questões educacionais ou sociais (Bueno, 2002; Souza, 2014; Nóvoa, 1988), conclui-se que uma pesquisa que ocupa o método biográfico não se caracteriza por técnicas, mas se constitui em um dispositivo vivido por todos, que demanda envolvimento com esses sujeitos e implicação com o processo de produção de conhecimento. A pesquisa biográfica acentua o protagonismo dos participantes e enfatiza o acompanhar, o se reconhecer e as transformações no processo da pesquisa, sendo potencializado, sobretudo, com a utilização da análise compreensiva-interpretativa.

Palavras-chave: Método Biográfico; Narrativas Formativas; Entrevistas Narrativas; Ateliês Biográficos de projeto; Análise Compreensiva-Interpretativa.

Introdução

A percepção das limitações das metodologias de produção de conhecimento da ciência social a partir do paradigma cartesiano/positivista, que compreende os fatos e fenômenos de maneira ampla e macro, possibilitou uma crise e transição paradigmática (Boaventura de Sousa Santos, 2005) em favor de uma visão heurística e de valorização das micro histórias. António Nóvoa (1993, p. 18) elucida que “[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico”. As pesquisas biográficas então tornaram-se uma possibilidade de pesquisa qualitativa em Educação, não apenas por ‘possibilitarem a investigação de diversas temáticas referentes ao campo educacional, mas também por levarem em consideração os atores envolvidos nos processos educacionais.

¹ Mestra em Educação/PPGEdu/Faed/UFMS e professora na Rede Municipal de Educação. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf).

² Mestre em Educação/PPGEdu/Faed/UFMS e professor na Rede Municipal de Educação. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf).

³ Doutora em educação e professora adjunta no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf).

A pesquisa narrativa, o método biográfico, (auto)biográfico e histórias de vida possuem uma mesma gênese, apesar de suas singularidades. Têm uma base comum que aponta para a pesquisa experiência e se apoia na existencialidade. Partem do princípio epistemológico da etnometodologia e do interacionismo simbólico. Na presente pesquisa, com base em autores como António Nóvoa (1993), Franco Ferrarotti (2010) e Mathias Finger (2010), optou-se pela denominação Método Biográfico. Esses autores argumentam a importância desse tipo de pesquisa para o campo da Educação, em especial o da formação de professores.

Embora possua um escopo teórico consolidado, ainda surgem críticas a respeito das pesquisas do espaço biográfico, especialmente no que tange ao processo de produção e análise dos dados. O material biográfico utiliza-se da memória, ou seja, da subjetividade do passado, reelaborado na subjetividade do presente, o que vai de encontro ao que prescrevem algumas linhas epistemológicas que compreendem que a narração abriga uma inveracidade dos fatos devido a incapacidade da memória lembrar-se de tudo que se narra (e se vive). O positivismo estava interessado em produzir conhecimento a partir de experiências controláveis e reproduzíveis, o método biográfico se interessa também pela experiência, mas entendemos aqui experiência como aquilo que marca o ser de maneira intrínseca (Larrosa, 2002; Delory-Momberger, 2024)

Precisamos destacar que é preciso utilizar com pertinência as técnicas de produção de dados ligadas ao espaço biográfico para a investigação de determinado objeto. Observamos, a partir de Maria da Conceição Passegi e Elizeu Clementino de Souza (2017), quatro orientações das pesquisas do espaço biográfico, que determinam não somente os dispositivos para produção de material narrativo (procedimento metodológico), mas também o modo como esse material biográfico será compreendido e interpretado (análise de dados).

A primeira considera as narrativas autobiográfica como um fenômeno antropológico. Nesse sentido, interessa-se pelos processos de individuação e de socialização dos seres humanos, interrogando-se sobre como nos tornamos quem somos. A segunda orientação utiliza as narrativas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas sociais, não apenas para produzir conhecimento sobre essas práticas, mas para perceber como os indivíduos dão sentido a elas. A terceira orientação faz uso dessas narrativas como dispositivos de pesquisa-formação, instituindo o sujeito como pessoa interessada no conhecimento que ela produz para si mesma (Souza, 2006 a). Finalmente, a quarta orientação estuda a natureza e a diversidade discursiva das escritas (grafias) da vida (bios) (Passeggi; Souza, 2017, p. 10).

Nossa proposta é compreender o fenômeno da formação e autoformação ao longo do processo de uma pesquisa biográfica, especialmente no que diz respeito aos momentos de produção e análise dos dados. Para isso utilizaremos duas pesquisas distintas que demonstraram o processo de formação e autoformação para os pesquisadores e os participantes das pesquisas. Para tanto, na primeira pesquisa se utilizou como procedimento metodológico as entrevistas narrativas e na segunda pesquisa os ateliês biográficos de projeto.

A entrevista narrativa na pesquisa intitulada “Os estágios obrigatórios de um curso de Pedagogia e a constituição da práxis pedagógica de professores iniciantes: possíveis relações”⁴, Weverlin Ferreira Brizola (2024) se fundamenta em Fritz Schütze

⁴ Disponível no link <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/13372>

(2011) e Christine Delory-Momberger (2012), sobretudo por discorrem sobre o duplo papel de formação que a entrevista narrativa acrescenta na construção das narrativas, tanto em sua produção quanto em sua análise. Durante a produção, o pesquisador parte de uma questão gerativa, com o intuito de incentivar a fala do entrevistado, para narrar sobre sua vivência, e ao longo da entrevista o pesquisador encoraja o entrevistado a prosseguir sua narrativa.

O ateliê biográfico de projetos configura uma prospecção que envolve em sua dinâmica a temporalidade (presente, passado e futuro) na qual o sujeito seja capaz de fundar seu projeto pessoal. Conforme a idealizadora desse dispositivo, Christine Delory-Momberger (2006), o ateliê biográfico de projeto deve ser realizado em um grupo de no máximo 12 participantes, consistindo em um dispositivo de formação de adultos organizado em seis etapas que vão intensificando o envolvimento dos sujeitos uns com os outros e com suas próprias histórias de vida e formação.

Para a análise dos dados produzidos nestas duas pesquisas, foi utilizada a técnica da análise compreensiva-interpretativa. Essa técnica divide-se em três tempos, cada qual com momentos específicos, mas que ora se aproximam e ora se distanciam devido às suas singularidades. O tempo I diz respeito a uma espécie de categorização, uma leitura cruzada, neste tempo realiza-se um delineamento do grupo estudado, logo, “O primeiro tempo de análise revela-se como singular, tendo em vista a construção do perfil do grupo pesquisado, tanto na perspectiva individual, quanto coletiva” (Souza, 2014, p. 44).

O tempo II é o momento de tematizar as categorias de análise visando a compreensão das narrativas e pelo grupo, encontrando regularidades e irregularidades, construindo possibilidades de diálogo entre essas categorias, e “Cabe destacar que o objeto central da análise temática, como tempo II, consiste na construção, após a leitura cruzada, das unidades de análise temática, tendo em vista a análise compreensiva-interpretativa” (Souza, 2014, p. 44). Por fim o tempo III visa compreender e interpretar as categorias a partir das narrativas, ou seja, “[...] vincula-se ao processo de análise, desde o seu início, visto que exige leituras e releituras individuais e em seu conjunto do corpus das narrativas, recorrendo aos agrupamentos das unidades de análise temática e/ou ao conjunto das narrativas e das fontes utilizadas” (Souza, 2014, p. 46).

Nas seções a seguir, primeiro será apresentada e discutida a entrevista narrativa, segundo será apresentado os ateliês biográficos de projeto, para na sequência, nas considerações finais, a aproximação entre as pesquisas se torna evidente por destacar a formação e autoformação do Método Biográfico enquanto, no momento em que se é pesquisador, também atua como professor, e está analisando a formação de professores, a partir de suas narrativas individuais que proporcionam a construção do conhecimento e reflexão sobre o coletivo docente.

As entrevistas narrativas: a reflexão sobre a ação e a ação na prática

Na pesquisa de Brizola (2024), o objeto de estudo foi a constituição da práxis pedagógica em professores iniciantes atuantes na rede pública de ensino no município de Campo Grande, MS, que são egressos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (Faed) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Para isso, a pesquisa narrativa, por meio da produção das entrevistas narrativas, possibilitou compreender como a práxis pedagógica foi sendo constituída na trajetória do professor por meio das reflexões que o ato de narrar sobre si provoca, ao impelir o sujeito a repensar a articulação entre os conhecimentos teóricos e a experiências práticas que possui, determinantes para o desenvolvimento profissional.

Como já mencionado, a técnica de análise utilizada partiu do pressuposto da

análise compreensiva-interpretativa (Ricoeur, 1996 *apud* Souza, 2006). Para o tempo I, foram vivenciados dois momentos. O primeiro ocorreu de forma remota, por meio do envio de um questionário (*Google Forms*) a egressas do curso de Pedagogia, com perguntas gerais voltadas somente aos critérios de inclusão para a pesquisa: se a respondente estava atuando como professora após a conclusão do curso e se consentia ser entrevistada e participar da pesquisa. O link do questionário foi divulgado em plataformas digitais (Facebook, Instagram, Twitter e Telegram).

Após a conferência do questionário, foram selecionadas cinco participantes que atendiam aos critérios de inclusão e concordaram em ser entrevistadas. Todas as entrevistas tiveram início com a apresentação da pesquisa, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), um momento para caso houvesse alguma dúvida, escolha do pseudônimo e ênfase de que toda e qualquer informação relacionada a qualquer instituição permaneceria em anonimato durante a descrição, assim como os nomes ditos durante a entrevista.

Na sequência, ocorreu uma breve explicação a respeito dos procedimentos da entrevista narrativa, buscando deixar as professoras à vontade para narrarem o que, naquele momento, considerassem mais significativo. Embora não tenha um roteiro estruturado, e durante uma entrevista narrativa as intervenções sejam mínimas, o/a pesquisador/a que utiliza essa técnica planeja (para si mesmo/a) as temáticas que pretende abordar com os sujeitos. Nesta pesquisa, a temática inicial foi a escolarização básica e a escolha do curso de Pedagogia, seguida das experiências e vivências no curso de Pedagogia e no período de iniciação à docência.

Schütz (2011, p. 212) define que as entrevistas narrativas seguem três partes centrais: no primeiro momento, “narrativa autobiográfica inicial”, a interrupção é mínima, e ocorre somente se necessário. No segundo momento, “fios temáticos narrativos transversais”, há a retomada de assuntos ditos anteriormente e que se busca um complemento da informação dita. No terceiro e último momento, “incentivo à descrição abstrata de situações”, o intento é elucidar “[...] a capacidade de explicação e de abstração do informante como especialista e teórico de seu ‘eu’”.

As transcrições se materializaram em narrativas sobre a formação docente das participantes, e as primeiras informações que caracterizavam o grupo formado por cinco professoras foram analisadas e no tempo I – pré-análise/leitura cruzada, e um quadro foi formado contendo as seguintes informações: Pseudônimo, Idade, Ingresso no curso (de Pedagogia), Projeto Político-Curricular vigente, Contato inicial com o campo de atuação profissional (durante a graduação), Conclusão do curso, Especialização, Início da docência, Tempo de docência e Turma em que atua em 2023. A leitura cruzada propiciou que fossem identificados pontos de semelhanças e diferenças entre as informações gerais para compreender o grupo selecionado.

No tempo II – Leitura temática, foram identificadas três unidades de análise temática presentes na narrativa de cada professora, as temáticas foram: 1) escolha do curso, formação inicial, formação continuada e pós-graduação; 2) iniciação à docência e ambiente escolar; 3) reflexões narradas durante a entrevista. Em cada unidade, centrou-se discutir uma temática, dessa forma, trechos das entrevistas das cinco professoras proporcionaram um diálogo que retrata o coletivo docente, apontando os desafios da profissão, a desvalorização, as perspectivas de futuro e atuação no ensino superior, as contribuições da formação para a atuação (as disciplinas teóricas do curso, os projetos de extensão, os programas de iniciação à docência), as disputas para conquistar a autonomia no local de trabalho, a não existência de políticas de acolhimento para o professor iniciante, o que leva à não amenização do período de transição, dentre outros aspectos.

Na terceira unidade temática, os trechos apresentados relatam o que foi dito durante a entrevista e de forma espontânea, relatam situações em que cada professora refletiu sobre a sua prática pedagógica. As reflexões envolveram sua prática, a ideia de planejamento, o entendimento de si e constituição de sua identidade docente, a importância do registro, a contribuição do grupo e o trabalho no coletivo. Não se pode afirmar que, em seu cotidiano profissional, as professoras refletem intencionalmente sobre sua prática, por exemplo, nos momentos de planejamento ou de avaliação da aprendizagem. Todavia, é possível afirmar que durante a produção das narrativas, nas situações de entrevista, essa reflexão foi provocada e elas puderam exteriorizá-la em seus depoimentos.

O tempo III – Leitura compreensiva-interpretativa, com o intuito de concluir a pesquisa, foi apresentado na quinta e última seção, pois se resulta das análises dos excertos das narrativas produzidas pelas professoras. A escolha para essa dinâmica é de evidenciar que “O processo de leitura e releitura instaurou-se e revelou-se através do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa [...]” (Souza, 2006, p. 84). Logo, a partir da compreensão e identificação do grupo no tempo I, da divisão em unidades de análises temáticas no tempo II, o tempo III proporcionou a análise de forma geral para responder a questão problema da pesquisa: “que relações podem ser identificadas entre as propostas de estágios obrigatórios de um curso de Pedagogia e a constituição da práxis pedagógica de professores iniciantes, egressos do curso?”.

A escolha da técnica de análise partiu dos estudos realizados no Grupo de Estudos e Pesquisa em Narrativas Formativas (Gepenaf), em que as discussões se centram na utilização das narrativas biográficas, visto que elas proporcionam a imersão na realidade a partir dos escritos sobre si, para que seja possível compreender um aspecto de análise. Na perspectiva da Pesquisa Narrativa, as lembranças ou reminiscências são consideradas formadoras e constroem subjetividades, contribuindo para que o professor, em formação, compreenda melhor seu contexto profissional e invista na sua autoformação, uma vez que:

[...] ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói subjetividades, também únicas. Nesse sentido, a abordagem biográfico-narrativa pode auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais que estão inscritas na densidade da História (Souza, 2007, p. 65-66).

Dessa forma, durante toda a pesquisa, no processo de estudos teóricos, de escrita, da realização das entrevistas, eu estive em formação. Durante a pesquisa, passei a atuar como professora, tornando-me sujeito da minha própria pesquisa. O desafio, naquele momento, consistia em me distanciar e olhar minha trajetória formativa e profissional de uma nova forma. Como pesquisadora, precisei voltar o olhar tanto para minha história, quanto para a dos participantes que foram entrevistados, no intuito de identificar a constituição da práxis, e que não se limitou a trazer apenas a discussão para a práxis, mas também para questões coletivas da profissão docente que foram identificadas em cada tempo da análise compreensiva-interpretativa.

Ateliês biográfico de projeto: pela escrita de si uma leitura de nós

A pesquisa apresentada nessa seção tem como objeto a constituição da identidade docente de professores homens de educação física que atuam na educação infantil, por isso foi escolhido um dispositivo que propõe a elaboração de um projeto

pessoal, utilizando-se da relação das três dimensões da temporalidade (passado/presente/futuro) é o ateliê biográfico de projeto, de Delory-Momberger. “Os procedimentos de formação conduzidos sob a forma de ateliês biográficos de projeto destinam-se a considerar essa dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de formabilité aberto ao projeto de si” (Delory-Momberger, 2006, p. 366).

Este dispositivo metodológico foi escolhido para a pesquisa de Julio Cesar Floriano dos Santos, exatamente por essa capacidade, de ser autoformativo. Um dispositivo em que cada participante é capaz de se sentir cuidado, porque será capaz de aplicar a atenção, refletir, ter-se. Os participantes serão inscritos em “ações de orientação ou reorientação profissional ou vir acompanhado de dispositivos de inserção” (Delory-Momberger, 2006, p. 366). Essas ações são organizadas em seis etapas que segue um ritmo progressivo, que vai se intensificando e permitindo maior envolvimento dos participantes.

As etapas do ateliê são: apresentação e formulação das regras (etapas 1 e 2); produção da narrativa escrita e socialização em grupo menor (etapas 3 e 4); socialização da narrativa em grupo geral e reescrita por um terceiro (etapa 5); e síntese (etapa 6) (Delory-Momberger, 2006). Sendo assim, consideramos esse dispositivo de formação apropriado como dispositivo método da pesquisa biográfica porque permitiu ao sujeito o entendimento em relação a sua própria identidade,

A tarefa da pesquisa biográfica [...] é pensar o biográfico enquanto uma forma privilegiada da atividade mental e reflexiva, no momento em que nos enunciamos como autores de nossa história. A hipótese é que, nas narrativas autobiográficas, (re)integramos, (re)estruturamos e (re)interpretamos a experiência vivida e damos outros sentidos aos quadros social e histórico nos quais vivemos e nos (re)conhecemos, ao longo de nossa vida. Trata-se, pois, de investigar como os indivíduos biografam suas trajetórias, (re)elaboram projetos de si e como negociam em suas narrativas os modelos, as crenças e valores veiculados pelos projetos propostos pelas instituições socializadoras na modernidade tardia (Passeggi; Delory-Momberger, 2017, p. 136).

O aspecto que me motivou a escolher esse dispositivo foi pelo fato que o “[...] princípio concerne à formação do formador. Trata-se de uma exigência ética e experiencial que o formador tenha vivenciado no processo de formação mediante a escrita autobiográfica, para melhor desempenhar o processo de mediação e de acompanhamento” (Passeggi, 2011, p.152).

Passeggi, Souza e Vicentini (2011) focaliza o ato de narrar como um regulamento de formação diferenciado por dois direcionamentos: a formação do adulto e a formação do formador. Enquanto no primeiro investigamos “[...] as atividades autorreflexivas e suas repercussões suas repercussões nos processos de formação e inserção na vida profissional” (Passeggi, Souza e Vicentini, 2011, p. 374), no outro refletimos sobre “[...] a mediação biográfica como prática que implica a formação de formadores para o acompanhamento das escritas de si” (Passeggi, Souza e Vicentini, 2011, p. 374-375).

Elucidando os tempos de análise na minha pesquisa encontramos o primeiro momento, o de escolha e captação dos participantes permitiu-me delinear o tempo I da análise, configurando uma descrição pessoal de cada um dos participantes, considerando principalmente seus marcadores sociais da diferença. O tempo II foi constituído a partir de uma metáfora geradora de produção de narrativas a partir de uma

reflexão temática e o tempo III foi diluído por todo o trabalho, pois foi a reflexão do diálogo entre as categorias pré-estabelecidas pelo objeto, ou seja os conceitos, com as narrativa produzidas a partir das condições específicas de cada participante e do mesmo modo as que se tornaram comum ao grupo. É importante ressaltar que participei como sujeito que assumiu o papel de formador, mas que se permitiu ser formado.

O tempo I constituiu-se já no processo de seleção dos participantes. Os participantes dos ateliês foram selecionados por meio da divulgação, em redes sociais, de um questionário *Google Forms*, no qual foram inseridas perguntas que se referiam aos critérios de seleção (ser professor homem de Educação Física; atuar na Educação Infantil em alguma Escola Municipal de Educação Infantil ou Escola Municipal que atenda a educação infantil no município de Campo Grande, MS), bem como à possibilidade de aceite em participar de outras etapas da pesquisa. A partir das respostas positivas ao questionário, foi feito o contato individual com os respondentes, sendo acertado coletivamente um dia, local e horário mais conveniente para o primeiro ateliê. A princípio, doze professores de educação física responderam afirmativamente. No entanto, no primeiro dia marcado tivemos a presença de três participante e seguimos os trabalhos com os mesmos três.

O tempo II partiu de uma provocação, uma metáfora: a árvore. Duas árvores forma apresentadas, uma árvore genealógica, provocando os aspectos culturais dos participantes, e uma árvore representando diferentes características conforme as quatro estações do ano, provocando nos participantes a percepção da dimensão temporal. Entendemos que a cultura e o tempo são fatores elementares para a constituição da identidade. Aspectos da identidade docente forma revelados pela provocação: em qual estação você se encontra hoje? Este questionamento trouxe reflexões ao longo de todo trabalho, permitindo dialogar tanto com as teorias, quanto consolidar características que constituem a identidade docente do professor homem de educação física na educação infantil por toda a pesquisa, estendendo o tempo III, sendo essa característica a principal característica de uma reflexão formativa.

Considerações Finais

O espaço biográfico não tem intenção de produzir experiências nem controláveis e nem reproduzíveis, pois se reconhece dependente da memória. Essa condição é essencial na característica de quem narra, e por conseguinte, faz da experiência na pesquisa única e irrepetível. A metodologia de narrar, lembrar e refletir acerca de si mesmo destaca às lentes da ciência a vida cotidiana e principalmente os sujeitos que nela habitam e transitam. Uma pesquisa que ocupa o método biográfico não se caracteriza por técnicas, mas se constitui em um dispositivo vivido por todos, que demanda envolvimento com esses sujeitos e implicação com o processo de produção de conhecimento.

O tempo traz a possibilidade de refletir sobre as experiências e a própria existência. O interesse pelo social coletivo e pelo sujeito individual, pelas macro e micro histórias e organizações sociais implicam em uma compreensão de ambas as realidades. Há uma dialética construída entre aquele que pergunta e aquele que responde delineando uma dinâmica particular acerca de quem conduz e quem acompanha.

A reflexividade crítica se dá pelo fato de que a ciência produzida é formação para a transformação. A relação vivência e reflexão se dá pela experiência. As histórias de vida possibilitam essa reflexão porque há uma imbricação entre o pessoal e o profissional. Narrar uma história de si e sobre si é possibilitar que pessoas em seus cotidianos e suas singularidades façam a história em uma relação dialética e dialógica, a partir não apenas desses sujeitos, mas também de suas determinantes e suas

contingências. Gaston Pineau (2006) refletiu esse processo como histórias de vida em formação.

O método biográfico acentua o protagonismo dos participantes e enfatiza o acompanhar, o se reconhecer e as transformações no processo da pesquisa. Apreende pelas sutilezas, pelo que é menos visível, permitindo uma tomada de consciência das histórias de forma gradativa. De forma que a análise compreensiva-interpretativa se torna uma maneira, particularmente, capaz de permitir não apenas a análise dos dados, mas ser também um dispositivo de formação para o pesquisador e seus sujeitos.

Referências

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, set.-dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **História de vida e pesquisa biográfica em educação**. Tradução: Maria da Conceição Passeggi e Carolina Kondratiuk. Natal, RN: EDUFRN, 2024. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica. Educação. Série Clássicos das histórias de vida).

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (org). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2010

FINGER, Mathias. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (org). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

NÓVOA, António. (org.) **Vidas de professores**. Porto, Porto Editora, 1993.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 210-222.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 3ª ed. São Paulo: Cortez; 2005.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA. UNEB, 2006

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In*: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Org.) **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5>. Acesso em 20 out. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50 jan./abr. 2014.